

MOVIMENTO EDUCAÇÃO E SAÚDE MENTAL: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Saúde

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

MEDEIROS, L. B.¹; SILVA, M. L. M.²; ROMANINI, M.³; BOHN, C.⁴; OLIVEIRA, G. S.⁵; FOGAÇA, P. F. N.⁶; SCHMITZ, P. B.⁷; ABREU, J. R.⁸

RESUMO

Tendo como público-alvo estudantes da UFRGS, o Programa de Extensão Movimento Educação e Saúde Mental - MEDUSA tem como objetivo geral construir espaços de escuta, acolhimento e intervenções com estudantes e demais atores universitários sobre questões relativas à saúde mental e vivências na universidade. Inspirados pela perspectiva da pesquisa-intervenção cartográfica, propomos como ações grupos semanais com estudantes, apoio em saúde mental, fóruns de debate, oficinas, formação e produção de materiais de educação permanente em saúde mental. Ao buscar uma articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o MEDUSA aposta na potência de vida e de transformação da universidade, que pode se constituir num espaço democrático de construção de conhecimentos, bem como de produção de saúde mental.

Palavra-chave: educação; saúde mental; ensino superior; psicologia social.

1 INTRODUÇÃO

O processo educativo no Ensino Superior é um fenômeno complexo e multideterminado que, na Educação Superior, é inseparável ao desenvolvimento profissional e é formado por fatores de ordem econômica, política, social e cultural. Por isso, a Psicologia Escolar e Educacional, em sua perspectiva crítica, busca superar práticas individualistas, pautadas num

¹ Laura Busanello de Medeiros, aluna Serviço Social, bolsista de extensão.

² Maria Luíza Macedo da Silva, aluna Saúde Coletiva, bolsista de extensão.

³ Moises Romanini, servidor docente, Coordenador do Programa de Extensão MEDUSA.

⁴ Camila Bohn, aluna Psicologia, estagiária.

⁵ Guilherme Sturza Oliveira, aluno Psicologia, estagiário e bolsista de IC (CNPq).

⁶ Pietro Felipe Nunes Fogaça, aluno Psicologia, estagiário.

⁷ Pedro Bassanetti Schmitz, aluno Psicologia, estagiário.

⁸ Jonas Rocha Abreu, graduação em Letras, voluntário.

modelo clínico de 'restauração de condutas', através da coletivização das práticas de formação e dos processos de ensino e aprendizagem (MARINHO-ARAÚJO, 2016; CRPRS, 2019). Ao coletivizar tais práticas, as/os psicólogas/os e profissionais vinculados/as à assistência estudantil, inspirados/as na análise institucional, podem construir espaços de escuta e diálogo através de dispositivos grupais, apostando nas singularidades e promovendo conscientização e reflexão crítica.

Tendo em vista tanto a preocupação com as questões emocionais e de saúde mental na universidade, quanto essa perspectiva crítica de atuação da Psicologia Escolar e Educacional no Ensino Superior, propomos, numa parceria entre o Instituto de Psicologia e a Casa do Estudante (Divisão de Moradia Estudantil) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um movimento – o Movimento Educação e Saúde Mental, o MEDUSA. Tendo como público-alvo estudantes da UFRGS, em especial do Instituto de Psicologia e da Casa do Estudante, o MEDUSA tem como objetivo geral construir espaços de escuta, acolhimento e intervenções com estudantes e demais atores universitários sobre questões relativas à saúde mental e vivências na universidade.

2 METODOLOGIA

Ao inclinarmos-nos sobre a micropolítica da vida universitária, propomos um programa de extensão que dialoga com a proposta da pesquisa-intervenção cartográfica, concebida como indissociável da política e da dimensão clínica, buscando operar desvios num plano que é sempre coletivo, porque inscrito na ordem da subjetivação. A cartografia, enquanto um método da pesquisa-intervenção, é entendida por Deleuze e Guattari (1995) como um método de aproximação da subjetividade, concebida em sua dimensão processual – o sujeito é, ao mesmo tempo, produto e processo de produção constante.

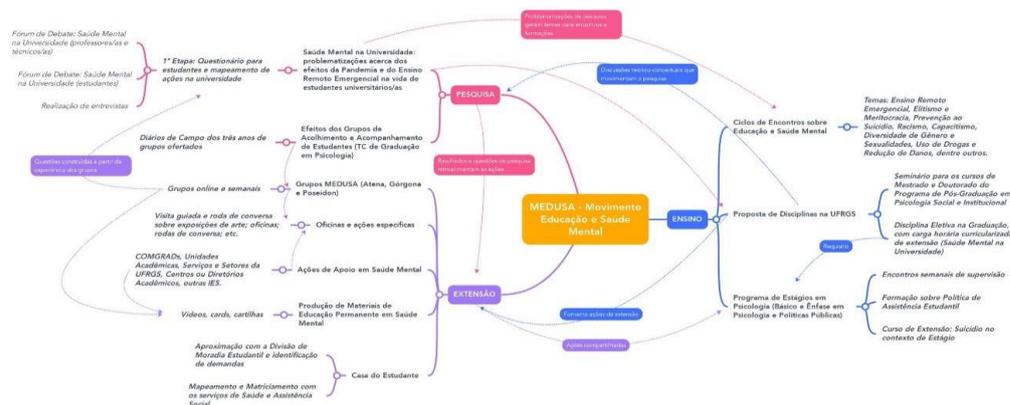
Seguindo um dos princípios do funcionamento do rizoma, Deleuze e Guattari (1995) ponderam que a cartografia é um mapa aberto que vai sendo desenhado a partir das conexões que emergem do próprio campo de pesquisa (ou mesmo intervenção/extensão), incluindo nesse campo e nessas conexões

as implicações do próprio pesquisador(a)/extensionista, seus desejos, perguntas e saberes. Por isso, embora sugerimos alguns objetivos e estratégias metodológicas para o desenvolvimento deste programa de extensão, afirmamos que os métodos ou ações previstas não antecipam o caminho ao trilhar. Dentre as ações previstas, destacam-se: 1) Grupos MEDUSA; 2) Acolhimento e acompanhamento de estudantes; 3) Ações de Apoio em Saúde Mental; 4) Oficinas e encontros específicos sobre educação e saúde mental; 5) Processos de Formação e Produção de materiais de educação permanente em educação e saúde mental; 6) Seminários e fóruns coletivos de discussão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em todas as ações previstas e destacadas na seção anterior, buscamos a articulação permanente entre ensino, pesquisa e extensão para a construção de um cuidado em saúde mental com estudantes universitários/as. Através de um mapa mental, buscamos evidenciar os pontos de encontro e enlace entre as dimensões que formam o tripé das instituições universitárias (imagem 1).

Imagem 1 - MEDUSA e o tripé ensino-pesquisa-extensão



Fonte: mapa mental elaborado pelos/as autores/as com o uso do software *Mindmeister*.

Na dimensão do ensino, destacamos a proposta de um programa de estágios em psicologia (estágio básico e estágio de ênfase em psicologia social e políticas públicas), cujas atividades envolvem encontros de formação, cursos de extensão e encontros semanais de supervisão, além daquelas que são compartilhadas com as ações de extensão. Os/as estagiários/as e bolsistas se

envolvem em diversas ações extensionistas: grupos semanais de acolhimento e acompanhamento de estudantes; oficinas e ações sobre temas específicos; ações de apoio em saúde mental; inserção na Casa do Estudante; e produção de materiais de educação permanente em saúde mental.

Como efeito e, ao mesmo tempo, disparador de tais ações, o MEDUSA tem como alguns de seus produtos a confecção de uma cartilha digital sobre saúde mental, o aplicativo para *Android* MEDUSA UFRGS, um canal em plataforma de vídeos e página em redes sociais. No âmbito da pesquisa, o programa MEDUSA está vinculado à pesquisa-intervenção intitulada “Saúde Mental na Universidade: problematizações acerca dos efeitos da Pandemia e do Ensino Remoto Emergencial na vida de estudantes universitárias/os”, cujos instrumentos de pesquisa foram inicialmente construídos tendo como base a experiência na extensão. Os resultados da pesquisa, por sua vez, fomentam a construção de outros dispositivos de ensino e de extensão, como a realização de ciclos de encontros, fóruns de debate sobre saúde mental na universidade e o planejamento de disciplinas na graduação e pós-graduação. Num ciclo que se retroalimenta entre ensino, pesquisa e extensão, o MEDUSA vem construindo espaços coletivos de cuidado e de produção de saberes.

Percebemos que, principalmente através dos dispositivos grupais (grupos semanais, fóruns, rodas de conversa e ciclos de encontros) a coletivização das experiências e angústias, tomando a saúde mental não como fenômeno ou atributo individual, mas como uma construção coletiva, tornou-se a tônica do nosso trabalho. Temas como a homofobia, elitismo, hierarquização das relações acadêmicas, produtivismo e competitividade no ambiente acadêmico, dificuldades de adaptação, dentre outros, emergiram nos e através dos encontros, em processos de aproximação e distanciamento das experiências narradas pelas/os estudantes e profissionais envolvidos/as em nossas ações.

Nesse sentido, retomamos a nossa inspiração na pesquisa-intervenção cartográfica, uma vez que ela faz aparecer o coletivo enquanto experiência do comum. O comum não se refere a um comunitarismo homogêneo e identitário, ele é inseparável da noção de heterogeneidade, pois estamos falando de práticas concretas do campo de pesquisa que “comunam”, no sentido de

partilha de um bem comum, cujo efeito é o sentimento de pertencimento. Dessa forma, “o comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 21).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da construção de comunidades de sentidos, do comum, com e através dos dispositivos grupais presentes em nosso programa de extensão, não colocamos em análise apenas aspectos relativos à saúde mental dos/as estudantes, mas também as práticas institucionais, pedagógicas e currículos naturalizados em premissas de um ensino superior ainda elitista. Considerando os avanços, ainda incipientes, promovidos pelo maior acesso ao ensino superior e a transformação recente no perfil do estudante das universidades federais, precisamos enfrentar e superar desafios e dificuldades de permanência de estudantes na universidade, construindo ações cada vez mais integradas entre ensino, pesquisa e extensão. Através de programas como esse e outras ações que vêm sendo desenvolvidas, acreditamos na potência de vida e de transformação da universidade, que pode se constituir num espaço democrático de construção e compartilhamento de conhecimentos, bem como de produção de saúde mental.

REFERÊNCIAS

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Psicologia na educação: saberes e fazeres**. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. (v.1). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. (pp. 15-41). Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – Volume 2**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Inovações em Psicologia Escolar: o contexto da educação superior. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 33, n. 2, p.199-211, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200003>